

## Relações de trabalho contemporâneas: conexões entre o pensamento de Simone Weil e Serge Latouche

LINA RAQUEL MARINHO\*

CIBELE MARIANO VAZ DE MECEDO\*\*

**Resumo:** Este artigo reflete sobre as relações de trabalho contemporâneas a partir do pensamento de Simone Weil sobre desenraizamento e de Serge Latouche sobre decrescimento. Weil discutiu sobre desenraizamento no início dos anos 1940, ao referir-se, inicialmente, a perdas territoriais e culturais em decorrência de conquistas militares e, posteriormente, à dominação econômica e social, com o poder do dinheiro de destruir raízes, impondo o desejo de consumir. Nesse cenário, discutir o desenraizamento significa discutir a sociedade do trabalho no capitalismo, as questões de empregabilidade, o agravamento dessas condições exposto pela pandemia de Covid-19, bem como as estratégias para seu enfretamento. Dentre as estratégias possíveis, o decrescimento, movimento iniciado na década de 1960, e formalmente estruturado, por Latouche, no início dos anos 2000, sustenta que para a manutenção da sociedade e da vida seria necessário produzir e consumir menos. E isto passaria necessariamente pela emancipação do trabalho e descolonização de nossos imaginários.

**Palavras-chave:** Trabalho; Desenraizamento; Decrescimento.

### Contemporary work relations: connections between the thinking of Simone Weil and Serge Latouche

**Abstract:** This article considers contemporary working relations based on Simone Weil's thoughts on uprootedness and on Serge Latouche contributions within degrowth. Weil discussed about uprootedness on the beginning of the 40's, referring, to territorial and cultural loses in consequence of military conquerors, and later referring to economical and social domination, underlying the power of destruction that money had with it's colonizing desire of consumption. In this scenario, discussing the uprootedness means discussing the working society in capitalism, matters of employability, aggravation of these condition due the Covid-19 pandemic, as well as the available strategies of coping. Among possible strategies, degrowth, movement that basically started on the 60's, and was formally structured as well denominated, by Latouche, in the beginning of 2000, holds that to the maintenance of society and life it would be necessary to produce and consume less. And this must go through the emancipation of work and the decolonization of our imaginaries.

**Key words:** Work; Uprootedness; Degrowth.



\* LINA RAQUEL MARINHO é Doutora em Filosofia pela Universidade da Beira Interior (UBI).



\*\* CIBELE MARIANO VAZ DE MECEDO é professora do Mestrado em Psicologia, com ênfase em Psicossomática da Universidade Ibirapuera. Pós-Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Doutora em Psicologia Social pela UERJ.

## Introdução

Discutir as relações contemporâneas de trabalho implica reconhecer a sociedade do trabalho no capitalismo, que comprime a experiência humana entre o trabalho e o consumo. A sociedade do trabalho no capitalismo como ela é pensada, é fundamentalmente opressora. E resulta de uma moral de acumulação ilimitada que não poderia se valer de outros meios senão da exploração predatória e da expansão continuada. Ainda que o planeta seja de recursos finitos e os corpos humanos não sejam máquinas.

Weil e Latouche viveram e pensaram sobre o trabalho em momentos diferentes da história, ela na primeira metade do século XX, ele já na virada do século XX para o século XXI. Weil escreveu, em 1943, sobre o processo de desenraizamento, como resultado de um trabalho hiper especializado, que não permite ao trabalhador ter uma visão geral da realidade. Enquanto Latouche discutiu sobre o decrescimento mais de 50 anos depois, entendendo a necessidade de estabelecer relações que produzam menos e consumam menos.

Na contemporaneidade, o decrescimento está olhando para o que a Weil já tinha entendido na década de 1940: se as estruturas sociais, se o tecido social de desenraizamento seguir se corroendo como vai, se continuar esgarçando as raízes do tecido social como está sendo esgarçado, o caminho é o esgotamento da experiência da ação política dos encontros. E dentre as saídas possíveis, o decrescimento propõe repensar o trabalho, a forma de se trabalhar que envolva coletividade, em prol do outro, com o outro, dar conta comunitariamente da manutenção da vida.

Colocando-se como questão importante a possibilidade de encontrar caminhos de sustentação coletiva que estejam decididos por outras economias e dispostos a rupturas estruturais conscientes. Mas, antes, será preciso uma espécie de rito de regresso. E dentre outros, será necessário o resgate da experiência de enraizamento. Reaprender, aprender a aprender e ensinar comunidades. Especialmente porque como já disse Ailton Krenak (2020), nesta nossa dança cósmica que é a vida neste Universo, o futuro é ancestral.

## Enraizamento e desenraizamento em Simone Weil

Simone Weil nasceu em Paris, no dia 03 de fevereiro de 1909. Filha de médico judeu e mãe de descendência russa. Cresceu em um ambiente cultural com música e alegria, e desde pequena demonstrava desconforto em relação às injustiças sociais. Escolheu estudar filosofia e recebeu preparação desde muito jovem. Seu mestre Alain, além de Weil, teve como discípulos Merleau-Ponty, Sartre, dentre outros. Foi com Alain que aprendeu que era pelo trabalho que se chegava ao belo. Foi professora, escreveu sobre mística, religião, atenção, desapropriação do tempo, mas o trabalho foi a temática que mais lhe envolveu durante sua curta vida, ela faleceu em 24 de agosto de 1943 por complicações da tuberculose (BOSI, 1996).

Weil considerava que era no trabalho que o indivíduo construiria a imagem de si mesmo. Desse modo, dedicou-se a compreender as implicações do trabalho na identidade do trabalhador, se questionou sobre a importância do trabalho enquanto ação humana e o que o trabalhador procura quando trabalha. Para ela, pelo trabalho o indivíduo buscaria seu próprio reflexo, por meio

dele construiria sua identidade. O trabalho seria a mediação entre o que o indivíduo precisaria passar para chegar a ele mesmo. Weil entendeu ainda que fosse necessário estar plenamente consciente na realização do trabalho, para que fosse possível realizar ao mesmo tempo a descrição do trabalho e um trabalho de recriação (RUIZ, 2016).

A reflexão sobre o trabalho foi tão crucial na obra de Weil que pode ser encontrada desde seus primeiros escritos a partir de 1927. Durante toda sua obra esteve presente também seu empenho em demonstrar a importância de conciliar o trabalho manual com o trabalho intelectual e os desdobramentos negativos quando da separação dessas formas de trabalho. Diferentemente da tese marxista que a opressão seria exercida pelo proprietário dos meios de produção, Weil entendia que o opressor fosse a hiper divisão e especialização do trabalho, que não permitiria ao trabalhador conhecer os objetivos e as consequências de seu trabalho (SOLÍS NOVA, 2017).

Nessa perspectiva, os trabalhadores não teriam acesso à história das peças fabricadas, nem mesmo seriam capazes de acreditar que deixaram alguma marca naquela peça. Para o trabalhador não ficaria evidente que tivesse contribuído para o mundo com seu esforço diário de trabalho. Tal reconhecimento ficaria acessível apenas aos trabalhadores em cargos hierarquicamente elevados, que detivessem a exclusividade de pensamentos e ideias sobre o trabalho. Aos trabalhadores o trabalho fragmentado seria fonte de alienação (SOLÍS NOVA, 2017).

Weil pretendia, então, que seus escritos contribuíssem para a ressignificação do trabalho, e favorecessem à liberdade e à dignidade humana. Ela propôs que o trabalho fosse compreendido como ação

humana por excelência, o centro da cultura (MARIZ, 2019). Entendendo que o trabalho deveria contribuir para superar a alienação, o que para ela só seria possível com a educação operária, que contribuísse para o fim da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual (CASTRO MARTINEZ, 2014).

Para se aproximar da realidade dos trabalhadores, Weil, que era professora de filosofia em escola pública, participou de lutas sindicais, lutou na Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos, ofereceu cursos educacionais aos operários, fez trabalhos agrícolas e foi operária metalúrgica na Renault, experiências que representaram seu desejo profundo de ter contato direto com o trabalho, com o que considerava que fosse a vida, a união do pensamento com a ação (MARIZ, 2019).

O trabalho na fábrica, realizado por Weil durante quase um ano, entre dezembro de 1934 e agosto de 1935, trouxe novos elementos para sua reflexão sobre o trabalho (SOLÍS NOVA, 2017). Em seus diários, Weil fez análises detalhadas, com desenhos de máquinas e considerações de como poderiam ser utilizadas por operários, como eles teriam seus corpos e sistema nervosos afetados pelo manuseio das máquinas. Questionava o fato de as máquinas não serem desenhadas pelos próprios operários, que deveriam saber de suas necessidades ao realizarem o trabalho (BOSI, 2003).

Weil considerava que um trabalho no qual o trabalhador não aprenda, enriqueça e amadureça constantemente seria um trabalho empobrecedor (SOLÍS NOVA, 2017). O que para ela resultaria no processo de desenraizamento. Para discutir o desenraizamento, Weil define primeiro o processo de enraizamento, que diz respeito à necessidade humana mais básica e natural de pertencer social

e territorialmente, e que fornece grande parte de sua vida moral e intelectual. Refere-se às múltiplas raízes coletivas humanas, que conservam o vivido no passado e pressentimentos do futuro, e vem das relações, do nascimento, do território, do trabalho (Bosi, 1996).

A doença do desenraizamento, como Weil chamou, afetaria em maior profundidade os assalariados, que vivem condição social completa e constantemente presa ao dinheiro. Nesse sentido, para a autora, assalariados e desempregados enfrentariam condição mais grave de desenraizamento, por não estarem completamente inseridos e por serem excluídos, respectivamente. Aos desenraizados restaria cair em inércia de alma semelhante à morte ou jogar-se em atividades precarizadas, que seguiriam desenraizando. Weil destacou que o desenraizamento se revelaria ainda pelo acesso à instrução, que separa a gente culta da massa. Por cultura, entende-se esse espaço público, político, onde o mundo comum emerge a partir da revelação da subjetividade de cada sujeito. E ao assalariado a falta tempo para o lazer, o cansaço com a jornada de trabalho, além de falta de talento natural, dor física ou doença o impediriam de adquirir elementos de cultura (Bosi, 1996).

Em 1943, pouco antes de sua morte, Weil alertou para a urgência em se traçar um plano para o re-enraizamento. E esboçou algumas possibilidades como: a abolição das fábricas; a criação de uma grande empresa formada por numerosas pequenas oficinas de montagem espalhadas pelo campo e mantidas por um ou mais operários; jornada de trabalho até ao meio dia; a outra metade do dia deveria ser dedicada à convivência amistosa, à expansão de um patriotismo de ofício, à conferências

técnicas e geográficas, que ensinassem ao operário a função de sua produção e o caminho e os usos dela, o que resultaria em acréscimo de cultural geral; a criação de uma universidade operária próxima às oficinas; as máquinas pertenceriam às pequenas oficinas; cada operário teria casa, máquina e pequena extensão de terra, que seriam financiadas pelos impostos pagos ao Estado e não poderiam ser vendidas, alugadas e nem alienadas (Bosi, 1996).

Este cenário, na concepção de Weil, acabaria com a condição proletária, cujo interesse principal seria a dignidade humana no trabalho e não o consumo, como se via na sociedade da época e a ainda se vê na sociedade contemporânea. E para viabilizar tal transformação nas relações de trabalho, Weil acreditava ser necessário investimento de longo prazo de grupo significativo de pessoas, que se dedicassem para fazê-lo. Embora, ela soubesse não haver garantias para tal realização (Bosi, 1996).

A morte prematura de Weil interrompeu sua luta e produção intelectual, e a impediu de acompanhar os eventos de maio de 1968 e seus desdobramentos. O maio de 1968 foi um marco para as maneiras como as afetações mobilizavam os coletivos na Europa, ele marcou o esgotamento da crítica que a Weil estava construindo sobre a vida operária e o desenraizamento. Weil também não assistiu à concretização dos processos de desenraizamento promovidos e mantidos pelo avanço do capitalismo, bem como o surgimento de frentes de enfrentamento, como o movimento do Decrescimento.

### **Decrescimento em Serge Latouche**

Em 1943, mesmo ano que Weil faleceu, o economista e filósofo francês, Serge Latouche, tinha apenas três anos de idade. Mais de meio século se passou até

que, em 2008, o movimento do Decrescimento surgisse enquanto crítica à ortodoxia econômica. De toda forma, foi nos anos 1960, à época do pensamento de uma economia ecológica e política, ou seja, justamente à mesma época de Simone Weil, sua vida e suas obras, assim como de outros autores, como, André Gorz, Cornelius Castoriadis e Nicholas Georgescu-Roegen, que o movimento do Decrescimento, começou a ser germinado (LATOUCHE, 2009).

Serge Latouche é economista e filósofo francês, contrário ao consumismo e à racionalidade instrumental. Nasceu no ano de 1940, na França. É atuante em diversos coletivos sociopolíticos, que se ocupam de elaborar, disseminar e praticar o conceito de pós-desenvolvimento. Acredita e age em prol de afetos políticos como a abundância frugal e o espírito do dom do decrescimento.

Uma abundância frugal que Latouche (2012) chamou de uma vida simples e modesta em abundância, construída através da autolimitação e do autocontrole diante da compulsividade de nossos desejos. É o espírito do dom do decrescimento que quer resgatar com o sujeito o seu dom-de-ser. A sua possibilidade real de manifestação viva e particular articulada e articulando com suas circunstâncias, contextos, cultura e coletividade. Conformados a partir de sua própria subjetividade consciente e desejante, logo, portanto, operacionalizadora da vida em si e da vida que cerca o sujeito de maneira emancipada e dialética. Ou seja, apta a constante exercício de existência, questionamentos e produção de si no mundo, pelo mundo e com-o-mundo (LATOUCHE, 2012).

Serge Latouche é, portanto, contemporâneo dos tempos que Weil

previu que acometeriam e saberiam, enquanto experiência humana, social e política, caso avançássemos nas direções de sentidos que vínhamos conformando enquanto sociedade moderna. Como a predatória insustentabilidade de um produtivismo, consumismo e extrativismo. E, portanto, o esgarçamento da precarização da vida e da existência dos sujeitos.

Atualmente, aqui estamos: comprimidos entre trabalho e consumo (ARENDR, 2013), onde trabalho não realiza e nem atravessa para experiências de significação que sejam singularmente próprias de cada indivíduo, e, portanto, plurais. E onde consumo sequestra todo o “tempo livre” no qual não estamos trabalhando, para dentro de uma ciranda acumuladora de vivências, que nem podem ser consideradas experiências. Destas elas só guardam a aparência, o parecer ser. E cuja perspectiva é sempre a de gerar novas e dispensáveis necessidades, em função de mais produção e consumo. Sempre condicionadas a mais trabalho. Lembrando que, atualmente, consumimos para trabalhar e não mais o contrário. Já que o capitalismo dispensa cada vez mais trabalho. Temos sido tornados em sujeitos supérfluos à geração de valor pela engrenagem capitalista.

Toda esta realidade termina por dizer respeito ao quanto nossas experiências de trabalho estão apartadas de serem intervenções no mundo. Onde trabalho terminaria sendo ponte que nos reúne em nós e com o mundo-comum, nos ancorando uma intermediação possível entre nós e nossa revelação social e política, pública e coletiva. Porém, estamos desenraizados de pertencermos ao mundo-comum em representa-ção de sentido e troca que seja *faber*. Nossa utilidade comunitária já não está mais posta nos objetos, que dariam conta da

funcionalidade do metabolismo social da vida. E estamos alienados de nós, sobre sermos expressa-ção de qualquer outra coisa que não só trabalhadores e consumidores com-fôrmados, em prol da atuação de um outro sujeito, que não nós, o sujeito autômato do capitalismo. (ARENDDT, 2013; KURZ, 1998)

Se não for possível falar em trabalho enquanto categoria conceitual a-histórica, ou seja, enquanto uma ontologia do trabalho, e capaz de existir para além desta formatação do capitalismo, do que estaríamos falando quando imaginamos aquele que funda a existência do homem no mundo, do que seria feito essencialmente o Espírito do Dom do Decrescimento, e do que chamaremos nossa capacidade de existir e ser no mundo?

É como se o Espírito do Dom do Decrescimento quisesse dizer que por meio do trabalho pela geração de valor e riqueza a serem acumuladas contínua e crescentemente, o homem construiu o modo de produção e relações humanas do capitalismo. Mas, é deste mesmo trabalho, porém, ou seja, possibilidade de existir e se fazer no mundo, que o homem poderá ensaiar se libertar do capitalismo e promover novas formas de produção e relações. Há, portanto um desafio conceitual, que é perceber de que trabalho é esse que falamos, e se existiria de fato algo que não fosse trabalho sob esta titulação nos moldes conhecidos das práticas assalariadas capitais que vendem sua mão de obra, expropriada dos meios de produção, aos detentores destes mesmos meios em troca de moeda.

Terminamos servos voluntários (MATOS, 1993) de uma lógica cuja moral já nem se incomoda mais, há um bom tempo, em se justificar, seja quanto ao espírito do capitalismo e/ou quanto à sua ética (protestante). Cujas ética

realmente acredita ser possível e desejável crescer de modo crescente, contínuo e ilimitado em um planeta de recursos finitos. E na qual nossa ação política não encontra corpos disponíveis, posto que estamos, portanto, fragmentados em relação ao nosso próprio mundo material e dissociados das singularidades das experiências, a começar pela nossa própria singularidade.

É precisamente nesta medida que um plano de re-enraizamento, por sua vez, do movimento sociopolítico do Decrescimento passe por seu círculo virtuoso dos oito erros, especificamente nesta ordem de sentidos: 1) Reavaliar a maneira como temos construído a nossa relação de *amor mundi* (ARENDDT, 2013) com-o-mundo e as pessoas, e suas maneiras e expressões, portanto, de mediação de nossas relações sociais, econômicas e políticas; 2) Reconceituar, pela busca e experiência prática de novos conceitos, valores e crenças, as dimensões de nossa existência sob o prisma do trabalho e do tempo; 3) Reestruturando o nosso cenário produtivo, a funcionalidade do nosso metabolismo social e as práticas de valor e cuidado da nossa reprodução social; 4) Redistribuindo riqueza concentrada de maneira efetiva e por uma maior equidade de acessos e dignidade de vida; 5) Relocalizando a economia e os mercados de trocas em esferas locais, enquanto real medida de antiglobalização, a partir também de três novas práticas bastante específicas: Reduzir, Reutilizar e Reciclar (LATOUCHE, 2009).

Desse modo, o círculo virtuoso dos oito erros do Decrescimento apresenta-se também enquanto um plano possível e desejável de re-enraizamento, porque fundamentalmente se aplica à emancipação do trabalho da seriada

lógica de produção capitalista, em prol de um mercado de trocas que seja o refletir de uma expressão *faber* funcional de vida e metabolismo social, orientado por uma ética da normativa do suficiente. Normativa esta que é o desdobramento de uma gestão econômica “[...] cujo objetivo é satisfazer o mais completamente possível as necessidades com a menor quantidade possível de trabalho, capital e de recursos físicos” (GORZ, 2010, p. 51). O que se aplica também à resistência, ou seria re-existência, re-imaginar e re-inventar. Erres que muito facilmente poderiam ser a espinha dorsal dos oito erres do círculo virtuoso do Decrescimento, da nossa ação política e de como emprestamos nossos corpos, literalmente, a esta cena e manifestação.

### Considerações finais

Pensem em uma semente. O enraizamento somente acontece quando a semente vai para fora de si. Todo enraizamento é para fazer contato com o exterior e em busca de nutrientes e de nutrição. Como as sementes, nossas raízes buscam o outro e a nutrição de encontros, afetos e trocas. Compreendemos que podemos dizer que para Weil e Latouche, a experiência do trabalhar, seria um convite a este sair de si, levando-se consigo para fora. E este fora seria o nosso mundo-comum, onde tangebilizamos nosso metabolismo social, portanto, materialmente. E o trabalho, esta ponte, que nos conecta a este processo de ser e criar raízes territoriais, sociais, culturais, ética e moral.

A finalidade do movimento de enraizar-se passa ao largo desta tangebilização por ela mesma. Diz respeito, na verdade, justamente ao processo de uma vez indo para fora de si, revelar-se ao mundo. Deixar aparecer, portanto, sua

singularidade. De modo que nosso mundo-comum vá ficando mais plural. As sementes, assim como nossos corpos, têm por finalidade a experiência deste processo. Que representa e significa encontrar, no sentido mais buberiano dos encontros Eu-Tu, com aquilo que não sabemos, à medida que literalmente consumimos a vida que nos nutre e que está disponível.

Vale destacar que esta vida que nos nutre e está disponível é na verdade abundante e não escassa. “A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos” (KRENAK, 2020. p. 17). E é preciso mostrar que processos que representam e significam encontros, não são processos de buscas. Não se trata de buscar aquilo que não sabemos. Trata-se de deixar o não saber ser, enquanto experimentamos a manifesta-ação assim de irmos nos enraizando. As raízes das sementes, assim como a extensa capilaridade dos micélios dos mais variados fungos, servem fundamentalmente para comunicação, que se desdobra em trocas de nutrientes, cuidados, ações cooperativas e proteção. Para isso estão presentes dois afetos micropolíticos básicos, que precisaremos reaprender, aprender a aprender e ensinar: vinculação e confiança.

É por isso que na palavra primordial Eu-Tu, segundo o filósofo austríaco Martin Buber (1969), o Eu é o desfrutar em movimento, é o próprio desfrutando, é o gerúndio que acontece do traço de totalidade do “Tu” (eterno), no Eu-Tu, em um lampejo. Sem haver dissociação entre um eu e um tu. Entre a natureza viva que somos e o assim denominado meio ambiente, que também é natureza e vida (BUBER, 1969). O Eu, da palavra primordial Eu-Tu, é a capacidade sensorial e sensível de dizer, ou melhor,

nos termos de Arendt (2013), de, portanto, agir politicamente, um “eu te vejo” propriamente. Enquanto todo “Isso” ou “aquilo” é uma construção, o “Tu” é o que existe, é presença.

Vale destacar ainda que consumir é sempre destruir. É fazer desaparecer diante de nós, o prato de arroz, por exemplo, que antes foi semente, raiz, troca, vida, nutrição e antes estava-ali. Exatamente por este motivo consumir precisa estar atrelado a uma ética do bem viver.

O movimento do *Buen Vivir*, originado no Equador, é produto da tradição, história e cultura indígena daquele país, que empreende diversas lutas e formas de resistência ao longo do processo de constituição desta sociedade. Seu marco de resistência, reafirmação de sua etnia e da própria América Latina acontece quando da rejeição às possibilidades de expansão do NAFTA (Tratado de livre comércio das Américas) em direção à América Central e do Sul. E conforme declarada insatisfação social, econômica e política presente no México de maneira aberta e direta por meio do intitulado Movimento dos Zapatistas.

O *Buen Vivir* culmina com a eleição do presidente Rafael Correa, um mestiço, de ascendentes indígenas e conhecedor da língua típica da etnia dos Quechua e que também dá nome a esta. De sua presidência deriva a Constituição do Equador, de 2008, a qual assume para si os preceitos do ideal da vida indígena: *sumak kausai*, e que na língua Quechua quer dizer exatamente *buen vivir*, buscando contrariar diretamente a lógica do crescimento contínuo e ilimitado e da busca por um PIB sempre crescente (MARINHO, 2014).

Acontece que em 2022 anos de existência já conseguimos produzir uma alteração geológica no planeta maior que

o meteoro que extinguiu os dinossauros ou a época da separação da Pangeia, em seus bilhões de anos. Para onde afinal a gente estaria caminhando? A pergunta de Hannah Arendt, segue, portanto, ecoando, no sentido inclusive mais mitológico desta experiência do Eco: “o que estamos fazendo?” (ARENDR, 2013, p.6). Esta é a era do Antropoceno.

Bastante contemporâneo a este cenário é a vida operária e o embotamento que a vida operária aplica às raízes. Que raízes? As raízes dos corpos, as raízes dos encontros, as raízes do intertexto, a raiz do entre que emerge do diálogo, que tem de ser parte da ação política. E todo este embotamento alienante assim se aplica justamente porque há inversão de finalidades. Abandonamos os processos de descoberta de nós com o mundo e os outros, para, a partir de uma racionalidade puramente instrumental, tomarmos por finalidade a produção tangível da vida e o consumo. Ou seja, a própria destruição é o nosso enfoque. Nossa ética é sermos uma experiência predatória e dissociada da vida, que também é viva, ela mesma. E nossa política é a de morte, ou seja, uma necropolítica.

O pensamento que depende do encontro dos corpos para poder emergir a partir da experiência do diálogo, não se faz na experiência do desenraizamento e da colonização dos imaginários, que Weil e Latouche estão marcando. Tanto e especialmente a partir da experiência dos operários. É esse pensamento que uma vez emergido do diálogo é substrato da posterior ação política.

A fragilidade dos pensamentos que emergem dos nossos diálogos e encontros vai marcar seguramente a nossa experiência política. A gente precisa do pensamento que vai emergir do entre do diálogo e que é substrato para essa ação política com o corpo. O

corpo, um corpo de-raízes e com-raízes, tem que vir para a cena. Qual é a política ecológica econômica que a gente vai fazer daqui para a frente? Diante desta pergunta precisamos chamar a atenção para a importância que os coletivos, têm, portanto, na experiência ou na sensação, na mobilização do afeto do enraizamento.

Já em 1943 a Simone Weil marcava isso, dizendo que se a gente continuasse corroendo aquilo que faz enraizamento para com a condição do tecido social, o resultado, o sinal sintoma resultante, seria o esgotamento da experiência da ação política dos encontros. Precisamos de construir um rito de regresso aos enraizamentos para com os nossos tecidos sociais. O enraizamento acontece quando a gente vai para fora da gente. É ali que acontece o enraizamento.

Existe um outro erre que poderia ser prontamente incluído no círculo virtuoso dos oito erres do Decrescimento, este erre seria o: regresso. Um retorno da humanidade à terra. À experiência do cultivo originadamente feminino em quintais. E o ritual, ou rito por assim dizer, que conduziria este regresso seria a nossa disponibilidade, a nossa abertura, para nos reencontrarmos com a Agroecologia. Na qual todo cultivo acontece enquanto manifesta-ção de integração e é, portanto, regenerativo.

A Agroecologia é ciência, movimento e prática, alternativas à agricultura industrial, ao latifúndio, à homogeneização dos saberes e à transformação das pessoas em exclusivamente consumidores distanciados de suas relações, afetos, sentidos, comum-unidade e cujas escolhas estão massificadas, envenenadas e sem sabor. Seu princípio mais fundante é a consciência da diversidade local. O qual todo cultivo é um processo único de saberes originários

e tradicionais. No qual a expansão da consciência é o caminho. A partir da qual nos sentimos, muito verdadeiramente, terra também. “A agroecologia é o camponês que alcançou a noosfera: uma consciência cósmica” (Prof. Sebastião Pinheiro, Engenheiro Agrônomo e Florestal, no episódio: O que é Agroecologia, do podcast Chá com Agroecologia, 2021).

Um reencontro com a agroecologia que nos habita a própria existência viva, talvez venha a dar conta de nos re-sensibilizar a respeito de como podemos criar novamente raízes e com-viver este processo por ele mesmo. Talvez assim, possamos regenerar com a vida aquele tempo para convivências amistosas, a localidade de pequenas obras, oficinas e oficinas, as pequenas extensões de terras em quintais. E promover redistribuição de riquezas concentradas, redução das horas trabalhadas, reconceituação do trabalho e resistência à lógica da acumulação da sociedade do valor e redescoberta e reconexão dos nossos imaginários, por uma emancipação e desconolização da vida e do nosso viver.

E para tudo isso, precisaremos acionar, prontamente, outras economias. As outras economias não são modalidades outras, cooperando, na verdade, com nosso modelo de desenvolvimento capitalista. É por isso que não se trata de trazer as margens para dentro e sim de as levarmos ao centro de nossas atividades e relações e acontecermos um outro dentro. As outras economias não estão apenas resistindo e re-existindo, estão lutando as saídas e alternativas. E se sabem e acontecem em comunidade e rede, nas quais as relações humanas são deslocadas para o centro. As outras economias, são, portanto, alteridade.

Algumas teorias e práticas das outras economias são: Comércio Justo;

Economia Circular; Economia Local; Moeda Social; Economia de Comunhão; Economia do Trabalho; Emancipação Social; Autogestão; Economia Moral; Políticas Públicas. São mais de 56 práticas enumeradas e denominadas no Dicionário Internacional da Outra Economia (HESPANHA, 2009).

Poderíamos destrinchar cada uma delas, em prol da desconolização de nossos imaginários, nossa emancipação de modos ortodoxos econômicos de fazermos socioeconomia e em prol de novos enraizamentos de com-vivência cooperativista, mas vamos aqui nos ater à Economia Circular e Local e ao exemplo de um território social e coletivo de pesquisa e prática de outras economias, com a Agroecologia, o Instituto Pontes e Borboletas. Idealizado e confundado por esta que também vos escreve, a autora Lina Raquel Marinho.

A Economia Circular é aquela que quer superar o modelo econômico linear de produção. Seus princípios estão fundados na redução, reutilização, recuperação e reciclagem de insumos e energia, fazendo uso potencialmente pós-econômico dos assim chamados recursos naturais. E, portanto, em círculo. O modelo econômico linear de produção causa danos irreparáveis ao meio ambiente, devido à exploração predatória dos recursos naturais, desmatamento, uso excessivo de agrotóxicos, a geração e descarte infundável de lixo e poluentes.

Pós-economia, vale pontuar, é a mudança total dos padrões de consumo, a redistribuição radical da riqueza e do poder, o combate à especulação. Em que critérios comunitários sirvam para atribuímos valora-ção aos objetos, e não mais valor, e epistemologias alternativas sejam recuperadas para entendermos e organizarmos o mundo (ACOSTA, 2021).

É a experiência agente por uma outra racionalidade de produção, distribuição, circulação e consumo. É a superação do fetiche do crescimento, posto que um planeta de recursos finitos não suporta uma expansão infinita. É, portanto, a disponibilidade e construção afetiva e efetiva de outro metabolismo econômico, diminuído. Ou seja, literalmente decrescido, ao Norte Global, e que fomenta relações descentralizadas: relações comunitárias, plurais e que não sejam unidimensionais e monoculturais. É pós-extrativista no Sul Global. Sem que isso, porém, signifique que o Sul continue a sustentar a opulência de um Norte rico (ACOSTA, 2021).

A Economia Local, por sua vez, é aquela que valoriza e busca desempenhar as seguintes funções econômicas: produção, consumo, poupança e crédito, necessariamente vinculadas ao seu entorno próximo. Talvez devêssemos dizer: entorno bem próximo. As Economias Locais se organizam, por assim dizer, tal como na lógica de aldeias: onde é preciso oferecer o imprescindível às necessidades comuns, de modo a refletir o tecido social daquele território, e a valorizar a autogestão. Todo sentido de comunidade vem sugerir o afeto da amizade e realizar cidadania. E o entusiasmo das invenções de manutenção (sustento) da casa, da oikonomia da vida, e do mundo-comum reúne e atravessa, ou seja, faz ponte, para a solidariedade.

O Instituto Pontes e Borboletas se dedica atualmente a três projetos praticantes destas e de outras economias: uma Feira Agroecológica, uma Cozinha de Reaproveitamento de Alimentos e um Núcleo de Consumo Consciente. Toda experiência de produção e consumo é com-vivida e correalizada a partir da prática do Comércio Justo. A

governança do espaço é autogerida e cooperada. E nossa proposta de valor é uma pós-economia incondicional e universal. Estamos reinventando raízes possíveis e desejáveis.

### Referências

ACOSTA, A. Pós-economia. In: **Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento**. São Paulo: Elefante, 2021.

ARENDRT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BOSI, E (Org.). **Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOSI, E. A atenção em Simone Weil. **Psicologia USP**, v. 14, n.1, p.11-20, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42388>. Acesso em 19.05.2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100002>

BUBER, M. **Yo y tú**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1969.

CASTRO MARTINEZ, Dennys María. Simone Weil: un grito desde la cueva del silencio. **Universitas Philosophica**, Bogotá, v. 31, n. 62, p. 169-193, Junho 2014. Disponível em <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-53232014000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53232014000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19.05.2022.

GORZ, A. **Ecológica**. São Paulo: Annablume, 2010.

HESPANHA, P. [et.al.]. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Edições Almedina, 2009.

KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do bem viver**. São Paulo: Cultura do Bem Viver, 2020.

KURZ, R. **Os últimos combates**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LATOUCHE, S. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LATOUCHE, S. O decrescimento. Porque e como? In: LÉNA, P.; NASCIMENTO, E. P. do (Orgs.) **Enfrentando os limites do crescimento:**

sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MACHADO, R. **Desenvolvimento Social baseado na felicidade**. Luis Nassif Online, Brasil, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/desenvolvimento-social-baseado-na-felicidade>>. Acesso em 19.05.2022.

MARINHO, L. R. O. **Decrescimento e consequências humanas: ouvindo as vozes da resistência**. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

MARIZ, D. Reflexões sobre a educação do trabalhador a partir do pensamento de Simone Weil. **Pro-Posições**, v. 30, p. 1-20, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pp/a/bOnB5kCcNY4JqW7kCgst9Vw/?lang=pt>. Acesso em 19.05.2022. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0063>

MATOS, O. C. F. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

O que é Agroecologia? Entrevistados: Sebastião Pinheiro; Bárbara Loureiro; Nilce Pontes; Fiota. Entrevistadores: Lina Apurinã; Guilherme Pousada. Brasília: Instituto Federal de Brasília, Out/2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6jxDQ7qF5ICJcJbK3cGpp6>. Acesso em 15.05.2022.

RUIZ, J. M. De la construcción de la identidad a la destrucción del yo em la obra de Simone Weil. **EIDOS**, Barranquilla, n. 24, p. 68-89, Jan. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-88572016000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-88572016000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19.05.2022. <https://doi.org/10.14482/eidos.24.7915>.

SOLÍS NOVA, D. Simone Weil y la libertad por medio del trabajo. **Veritas**, Valparaíso, n. 38, p. 9-34, dic. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-92732017000300009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-92732017000300009&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 19.05.2022. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-92732017000300009>.

Recebido em 2022-06-16  
Publicado em 2022-08-01